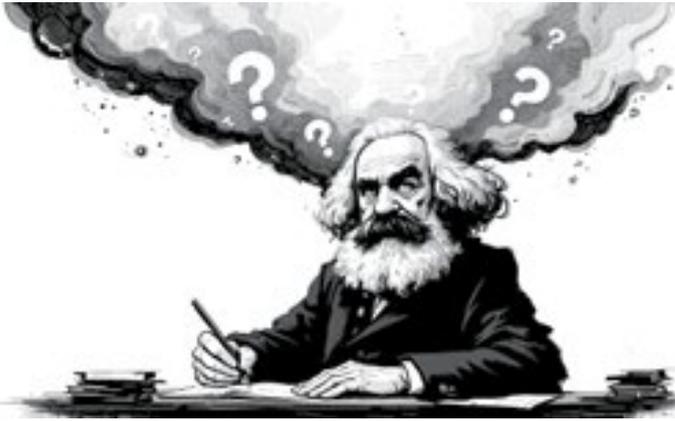


LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Luta de classes

Imagem criada com a IA Flux



Por causa do artigo anterior, marxistas ortodoxos, com foice e martelo, invadiram minha casa e ordenaram que, de joelho, falasse “a luta de classe existe”. Disse-lhes: existe-e-não existe ao mesmo tempo. Foi quando um falou alto “uma coisa não pode ser e não ser ao mesmo tempo”. Caso siga o terceiro excluído ou o princípio da não contradição de Aristóteles, respondi, você só irá ver a luta política de forma dualista.

Ajoelhado e, sobre minha cabeça, a foice e o martelo, tive de argumentar que existe uma lógica para além do terceiro excluído, ou seja, a luta de classe não se reduz ao confronto direto, aberto, à oposição entre opressor e oprimido ou ao fechado código binário verdade-falsidade. Para além do dualismo do marxismo vulgar, que é o mesmo de Aristóteles, existe um pensamento que admite, ao mesmo tempo, algo ser verdadeiro-e-falso, vale dizer, pensamento esse que aceita, para além do dualismo, o terceiro [elemento] incluído, e não o terceiro excluído. Diria Nietzsche que é um pensamento para além do bem e do mal.

Quem segurava a foice pediu exemplo concreto. Foi quando lhe disse que, se você leu “A Arte da Guerra”, Sun Tzu mostra no capítulo 13 que, para além da guerra clássica, que é a guerra de um contra o outro, existe a guerra sem guerra, isto é, o inimigo se identifica com o seu opositor, sendo, ao mesmo tempo, amigo-e-inimigo. Só existe a guerra sem guerra porque a figura do guerreiro movimenta-se “entre” amigo-e-inimigo, fazendo uso do terceiro elemento.

“Não lemos Sun Tzu, lemos só Marx”, afirmou o líder deles. “Me dá um exemplo com o que Marx escreveu”, ordenou quem segurava o martelo. Pedi para pegar na minha biblioteca o “Manifesto do Partido Comunista”. “Pode pegar e volte a ficar de joelho”. Logo no início, Marx escreve que existe a luta de classe aberta e a luta de classe disfarçada, mas ele não detalha essa luta não aberta, luta essa que se esconde como luta, a ponto de não haver luta de classe, mas ela está lá em “O 18 brumário de Luís Bonaparte”. “E por que não existe luta de classe?”. Porque, quando o opressor se identifica com o oprimido – ou o oprimido, com o opressor –, ele é, com o mesmo rosto, amigo. “Mas isso é a figura do traidor”. Isso mesmo: a luta de classe disfarçada é a luta de quem é traidor, luta de quem se disfarça com o próprio rosto e, se não for [des]coberto, ele não existe como traidor, já que é amigo.

“Estamos confusos, precisamos reler Marx”. Estou vivo.

A reta final de um sucesso dos palcos



Duas décadas depois de sua estreia, o solo “A Descoberta das Américas” prepara-se para encerrar uma das trajetórias mais longevas do teatro brasileiro contemporâneo. O espetáculo estrelado por Julio Adrião e dirigido por Alessandra Vannucci realiza sua última temporada carioca no Teatro do Centro Cultural Justiça Federal, até o dia 28 de setembro, antes de seguir para São Paulo em outubro para o encerramento definitivo. A montagem, que estreou em 2005 baseada no texto de Dario Fo, conquistou o Prêmio Shell de Melhor Ator no ano de lançamento.

Os vinte anos de trajetória acumularam mais de 700 apresentações distribuídas por 26 estados brasileiros e dez países em quatro continentes, levando a história do anti-herói Johan Padan desde pequenas cidades do interior até grandes centros cosmopolitas. Para a diretora Alessandra Vannucci, “essa longevidade radicaliza uma ideia que repito para explicar minha concepção desta montagem: o espetáculo está na cabeça do espectador”, explica a diretora, destacando como a participação ativa do público se tornou elemento fundamental da dramaturgia.

Adrião reflete sobre a responsabilidade de manter uma obra teatral ativa por tanto tempo. “Um espetáculo teatral completar 20 anos não

Solo de Julio Adrião, que percorreu quatro continentes e conquistou mais de 700 apresentações, faz temporada de despedida no Rio antes de seguir para São Paulo

é algo tão esperado, muito menos planejado, pois não basta uma decisão da produção se, antes disso, o espetáculo não tiver estabelecido uma identificação com o público que, de certo modo, se apropria da obra, como que exigindo essa continuidade”, analisa o ator.

O segredo dessa durabilidade, segundo ele, reside na recusa à repetição mecânica e na busca constante por renovação criativa. “Mais do que repeti-la a cada dia, é preciso então buscar sempre refazê-la, por respeito a quem ainda irá ver, mas também a quem já viu e decide retornar para rever e fazer reviver o espetáculo. Para tanto, o ator tem que manter vivo o processo de criação e continuar a visitar a sala de trabalho, ouvir a direção, discutir, ensaiar, refletir, experi-

mentar, tornando-se um guardião da obra”, explica

A narrativa acompanha Johan Padan, anti-herói rústico e carismático que foge da Inquisição espanhola e embarca em uma das caravelas de Cristóvão Colombo rumo ao Novo Mundo. Sobrevivendo a naufrágios, massacres e tentativas de escravização, o protagonista acaba reverenciado como líder por povos indígenas, conduzindo-os em batalha contra os invasores europeus. A montagem aposta em recursos cênicos reduzidos para valorizar a força interpretativa de Adrião, que dá vida a dezenas de personagens, de indígenas e colonizadores a animais e figuras religiosas.

“São muitas histórias, que começaram muito antes de serem contadas e que precisam continuar a ser contadas, em todas as suas formas e versões, para que possamos seguir construindo as histórias de hoje, que um dia ainda serão contadas. Essa descoberta já tem 20 anos, mas também só tem 20 anos, já que o espetáculo sempre termina, mas a história continua”, reflete Adrião.

SERVIÇO

A DESCOBERTA DAS AMÉRICAS

Teatro do CCJF (Av. Rio Branco, 241 - Centro)

Até 28/9, sextas a domingos (19h) | R\$ 60 e R\$ 30 (meia)